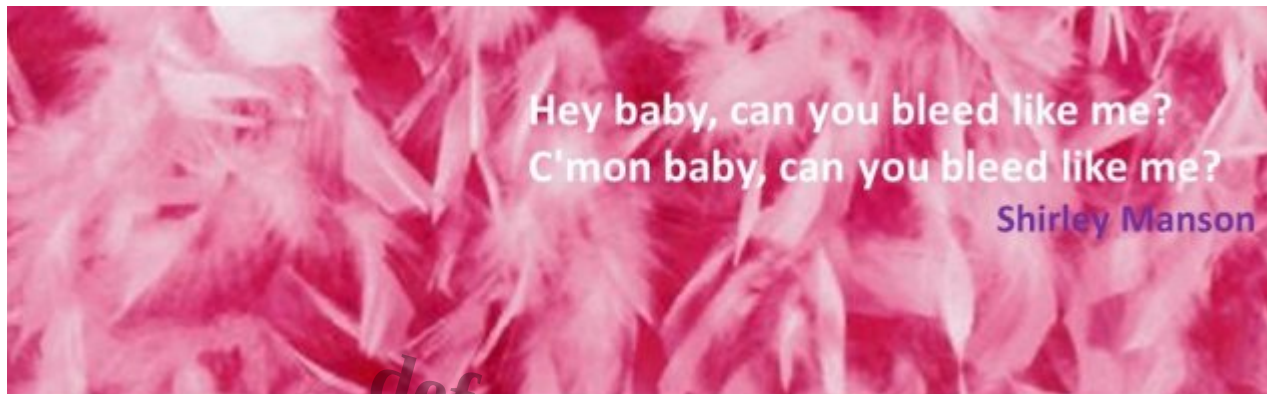


Do Primeiro Assédio   Primeira Pessoa do Plural

Description



Seguindo outros ilustres exemplos dentro do jornalismo impresso e no ambiente da blogosfera, tratamos de abrir espa so para a #Agora queS oElas em texto assinado pela jornalista, pesquisadora e escritora Sheila Kaplan. Sheila saltou dos bancos universitários direto para as páginas de O Globo, onde trilhou carreira brilhante como repórter e crítica de teatro, escrevendo resenhas refinad ssimas que sempre foram lidas com o maior gosto. Transitou ainda por editoras e pelo espa so acad mico. Organizou o livro   Jornalismo Eletr nico ao Vivo   (em parceria com o  ncora Sidney Rezende) e    autora de dois trabalhos universitários primorosos sobre as escritas do cronista José Carlos de Oliveira e do poeta Murilo Mendes. Dando sequência ao p riple de jornalista, colaborou durante anos com a revista   Ci ncia Hoje  , produzindo artigos, reportagens científicas e chegando mesmo ao cargo de editora do caderno de cultura deste periódico científico. Veio ainda a descobrir a sua veia ficcional ao se aventurar pelo universo dos livros infanto-juvenis com   Duda Cata Tudo   (Editora Rovel) e   Mgkai, o Estrangeiro   (Editora Edeb ; a ser lançado em breve). Sheila Kaplan apresenta por aqui a sua perspectiva muito pessoal sobre a hashtag que está mobilizando combativas vozes femininas.

O dia a dia nas redes sociais costuma ser modorrento, como expediente em repartição pública. De post em post, você   levado pra c  e pra lá;    bom-dia com orquídeas e margaridas, artigos sobre o drama ou o escândalo da hora, uma música dos anos 50, bichanos fofos,   opini es   sem fim. Após algum tempo, nauseado, você quase se afoga nesse oceano da dispersão. No meio disso, vez em quando, o potencial crítico e aglutinador das redes vem   tona. Foi o que aconteceu recentemente com a campanha #PrimeiroAss dio, que explodiu no twitter e facebook e rapidamente se alastrou nas redes, levando centenas (milhares?) de mulheres a contarem suas vivências de abuso.

Histórias numerosas, em diferentes nuances de violência: de uma mão indesejada a nos tocar o corpo ou a nos ro sar a bunda, de forma despistada ou ostensiva, às experiências mais escabrosas de violenta  o e estupro. A campanha deixou a nu que o que muitas julgávamos pertencer ao âmbito pessoal situa-se, na verdade, na esfera do coletivo, numa cultura em que o assédio, em seus vários graus,   encarado    e tolerado    como efeito da   natureza   masculina. Quantos homens não entendem ainda como   elogio   o olhar lascivo acompanhado de um   te chuparia todinha  , que se tem de ouvir desde os primeiros anos da puberdade?

Ao desnaturalizar o assédio, os numerosos relatos vieram mostrar como todas sofremos alguma violência, em suas formas ditas mais brandas (as sortudas, como comentou uma das autoras) ou nas mais perversas. A campanha nos mostrou que, à época do primeiro assédio, quase todas nos calamos por vergonha ou culpa. Aos 10, 11 anos, é comum acreditar que foi algo em nós que, sem querer, provocou o abuso do outro. Perceber o quanto é generalizada esta violência nos faz ver como tais palavras e ações nos humilharam, envergonharam, machucaram. Como doeram e, muitas vezes, ainda doem. A campanha nos aponta que já não é possível ver um caso de pancadaria doméstica e aceitar a justificativa de “descontrole”, ainda que tal versão seja confirmada pela vítima. Menos ainda ignorar a aprovação, a mesma época, do projeto de lei 5069/13, que nega o aborto às vítimas de abuso sexual e estupro ao obrigá-las a fazerem boletim de ocorrência e exame de corpo de delito para poderem ser atendidas, agregando violência à violência.

Estas e outras questões foram discutidas quando, num momento seguinte, a campanha nascida nas redes migrou para a mídia impressa, expandindo-se no #AgoraQueSãoElas, em que colunistas homens cederam seu lugar para mulheres refletirem sobre a sua realidade e direitos (<http://goo.gl/RsNm1G>). Sem dúvida, uma iniciativa importante, mas que não nos impede de pensar que o hashtag, à parte o trocadilho sonoro que tanto agrada à mídia, denuncia que são eles que detêm a fala. Eles, que cavalheirescamente nos cedem, nessa (breve) ocasião, seu lugar. É um avanço, mas evidencia que ainda há muito para se conquistar até que se possa chegar ao #AgoraSomosNós.

Category

1. Sheila Kaplan

Date Created

2015/11/27

Author

kikopedrosa